

Autonomia do Senado preocupa Planalto

Líder afirma que época do 'sim' é coisa do passado

Teresa Cardoso

BRASÍLIA — A constituição de três CPI's para apurar denúncias de corrupção no governo, a obstrução de 20 empréstimos destinados a governadores que apóiam um mandato de cinco ans para Sarney e a reeleição, por quase unanimidade, do líder Fernando Henrique Cardoso acabam de caracterizar o Senado como a casa que mais trabalho dá ao Palácio do Planalto. E a primeira resposta do governo a tanta independência foi a indicação de um líder a quem Sarney chamou esperançosamente de "meu porta-voz".

A verdade é que não apenas Sarney estava sem um porta-voz, como ultimamente não havia uma só voz no plenário do Senado que se levantasse em sua defesa. "Isso aqui está muito engraçado, só tem oposição", constatou o senador Jarbas Passarinho, esta semana, quando o próprio líder do PMDB e os senadores Carlos Chiarelli e Itamar Franco foram à tribuna criticar o presidente Sarney pela retomada do pagamento dos juros da dívida externa.

Novos tempos — "É, definitivamente desapareceu o estilo apologetico do Senado", diz Fernando Henrique Cardoso. Ele se refere sobretudo à legislatura passada, quando o ex-presidente Figueiredo e até o ex-ministro Delfim Netto contavam com irrestrita solidariedade entre os senadores, que costumavam atender tranqüilamente pleitos do governo. Era o tempo em que senadores como José Lins,



F. Henrique: oposição

Almir Pinto, Marco Maciel e o próprio José Sarney passavam a tarde ao microfone, defendendo cada decreto, cada pacote econômico e cada aumento de combustível decidido pelo Planalto.

Era o tempo também em que a constituição de qualquer CPI para apurar irregularidades no governo era obstruída com competentes estratégias. Agora, o Senado formou três CPIs para apurar denúncias de corrupção na distribuição de verbas da Seplan, na construção da Ferrovia Norte-Sul e na concessão de canais de rádio e televisão. Ninguém se opôs à criação dessas CPIs, como ocorria tão sistematicamente no passado, e os próprios líderes dos partidos que apóiam o governo - Fernando Henrique Cardoso e Carlos Chiarelli - foram os responsáveis pelo encaminhamento dos requerimentos.

Oposição — Foi para contrabalançar o peso de líderes partidários tão independentes e sempre dispostos a defender a redução do mandato presidencial, que Sarney chamou, há dez dias, o senador Saldanha Derzi, pedindo-lhe que assumisse o papel de seu



Derzi: a voz do governo

porta-voz no Senado. A iniciativa não assustou ninguém. Cinco dias depois, 40 senadores pemedebistas se reuniram numa das comissões da Casa para recomendar o *malcriado* Fernando Henrique Cardoso à liderança do PMDB. Só não estavam ali Humberto Lucena, porque no momento ciceroneava pela casa o ministro Maílson da Nóbrega; Teotônio Vilela Filho, proque sofrera um acidente de motocicleta; e Carlos De Carli, que mandou seu voto por escrito.

"Essa independência do Senado preocupa e machuca o Palácio do Planalto", diz o líder do PMDB, apontando o exemplo da obstrução de empréstimos. Quando em 1982 o senador Dirceu Cardoso pedia verificação de quórum toda vez que se iniciava a votação de empréstimos para os estados, ele só conseguia obstruir porque não havia parlamentares na Casa. Mas não é isso o que acontece agora, quando Ruy Bacelar, Mansueto de Lavor e Ronan Tito comandam a obstrução. Mesmo com número suficiente de senadores para aprovar os empréstimos, há uma decisão de não fazê-lo.

Brasília — Luiz Antônio